

## **Intervenção psicológica utilizando grupos operativos: um relato de experiência**

Ricarda Sanches Minhos<sup>1</sup>

**Resumo:** O relato de uma experiência em grupo focal com pacientes internos em uma Clínica de Saúde Mental situada na região metropolitana de Porto Alegre – RS tem por objetivo descrever sobre a estrutura e funcionamento do grupo, além de, apontar a importância da intervenção psicológica através do grupo terapêutico. Participam 10 pacientes internos na clínica do sexo masculino com idades entre 21 e 60 anos que sofrem de doenças psíquicas e/ou fazem uso de substância química.

**Palavras-chave:** Grupo; Tarefa; Mudança.

**Abstract:** The report of a focus group experience with in-patients in a Mental Health Clinic located in the metropolitan region of Porto Alegre - RS aims to describe the structure and functioning of the group, as well as to point out the importance of psychological intervention by group therapeutic. Part 10 patients of the internal male clinic aged 21 and 60 who suffer from mental illness and / or make use of the chemical.

**Keywords:** Group; Assignment; Change.

### **1 INTRODUÇÃO E REVISÃO TEÓRICA**

Os pacientes internos na Clínica além de atendimento individual em psicoterapia breve feito pelos estagiários de psicologia e supervisionados pela psicóloga responsável, também recebem atendimento em grupos semanalmente, que são conduzidos pelos estagiários de psicologia, contribuindo para valorização das relações interpessoais e possibilitando qualidade de vida através de reflexões e críticas. Conforme David e Zimmerman, (2000. p.82) “O ser humano é gregário, e só existe, ou subsiste, em função dos seus inter-relacionamentos grupais”.

Todo grupo tem uma tarefa – aprendizagem, ou seja, um objetivo que almeja alcançar, que pode ser um estágio motivacional de mudanças, de manutenção, obtenção de cura ou aprendizagem.

Pichon-Rivière (em Osório, 2007), originou a teoria do grupo operativo se constituindo em uma técnica terapêutica de atendimento grupal tendo como objetivo principal a integralidade de seus membros para os processos de mudanças em grupo. Pichon-Rivière (1975) afirma que só poderemos dizer que o grupo está em tarefa quando ambas – tarefas explícita e implícita – estiverem em andamento. Para ele o fundamental é a

<sup>1</sup>Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: ricardasanches@hotmail.com

resolução de situações estereotipadas e a obtenção das mudanças. Por isso todo grupo operativo é terapêutico, embora nem todo grupo terapêutico seja operativo.

Os grupos operativos se definem como grupos centrados na tarefa. Observamos que as técnicas grupais centrada no grupo é uma análise da própria dinâmica (Castanho, 2007).

Dentro do grupo existe o coordenador, que tem o papel de criar, manter e auxiliar a comunicação entre os participantes, possibilitando o pensar, abordando obstáculos epistemológicos causados por ansiedades que estes trazem para o grupo. Essa ansiedade coopera com o grupo, no sentido de promoção de saúde mental.

No grupo os participantes criam um vínculo entre eles próprios. Aprender a conviver com pessoas diferentes de si é uma tarefa difícil, porém importante. Pois, é através do agrupamento que ocorrem interações vinculares.

Pichon-Rivière (em Osório, 2007) afirma nessa teoria que o vínculo não necessariamente se dá de forma individual, ela pode se dar de forma grupal. Na relação grupal, os vínculos entre os participantes e o coordenador ocorrem principalmente através da comunicação analógica e digital.

Neste sentido, percebe-se também a importância do papel do coordenador do grupo ao conduzir a tarefa, bem como, a possibilidade deste exercer as práticas de um futuro psicólogo, assim asseguram (Papparelli & Martins 2007, p.77) “Esse espaço de reassuramento cria condições favoráveis à reedição do já aprendido, agregando, pela singularidade, as demais vivências e saberes, em um processo de experiência vivida, de subjetivação do papel de psicólogo”.

## 2 METODOLOGIA

Semanalmente acontecem atividades durante o dia e a noite ministradas pelos estagiários de psicologia para os internos na Clínica de Saúde Mental, situada na região metropolitana de Porto Alegre-RS, com o objetivo de trabalhar temas como a autonomia, o resgate da dignidade, fortalecimento das relações interpessoais, prevenção á recaída, entre outros, buscando saúde mental e qualidade de vida.

O estudo está pautado num desenho qualitativo, no formato de grupoterapia com referencial em grupos operativos. Foi feita uma dinâmica de grupo orientada pela estagiária com o objetivo de promover a reflexão e crítica sobre a responsabilidade da mudança ser principalmente de cada participante sobre sua própria vida, e reconhecimento dos pontos negativos e valorização de pontos positivos.

<sup>1</sup>Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: ricardasanches@hotmail.com

A dinâmica da mudança (Buzi, Melo e Paya 2007) aplicada no grupo formado por pacientes internos do sexo masculino que sofrem de doenças psíquicas e/ou fazem uso de substância química, e teve como material o uso de uma caixa de papelão revestida com papel colorido nas partes externas, no interior desta consta um espelho do lado esquerdo, e do lado direito tem uma figura com rosto feliz e abaixo a palavra você, que é manuseada pelos participantes conforme orientações da estagiária.

Participaram nove pacientes, do sexo masculino com idade entre 21 e 60 anos ( $dp = 9,75$ ) internos em um centro de tratamento para dependentes químicos e outros transtornos psicopatológicos de forma espontânea, após o convite feito pela estagiária que os informou que seria iniciado o grupo com uma tarefa a ser executada com quem quisesse participar.

### **3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

#### **3.1 A experiência**

O relato de intervenção psicológica utilizando o grupo operativo faz parte de uma das atividades dos estagiários de psicologia que atuam na clínica de Saúde Mental em seu processo de formação no período de estágio profissional.

Após a iniciativa da estagiária em propor ao grupo a Dinâmica da mudança os nove internos do sexo masculino que estavam no pátio da clínica aceitaram participar.

A seguir foi solicitado que sentassem em círculo e iniciado as orientações, a estagiária pega a caixa e faz uma introdução a respeito das possíveis mudanças que ocorreram desde a entrada de cada paciente na clínica, iniciou falando sobre a rotina do novo ambiente, e concluiu salientando sobre as mudanças internas que cada um pode e/ou já estava passando, incentivando os participantes a refletirem sobre o tema mudança em várias perspectivas.

Alguns participantes consentiram, e se posicionaram após a fala da estagiária complementando seu discurso de que os dias internados tinham sido de muitas mudanças buscadas por eles, algumas ainda não tão confortáveis, mas necessárias.

Na sequência a estagiária informa que na caixa que está em mãos existe um elemento fundamental que irá ajuda-los para que a mudança que eles almejam aconteça.

Cada participante deveria abrir a caixa, olhar para seu interior e dizer três características e três defeitos do elemento que estava vendo, dando pistas para o próximo participante que ao pegar a caixa deveria fazer o mesmo, e assim sucessivamente até que a caixa passasse por todos os participantes e coordenador.

<sup>1</sup>Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: ricardasanches@hotmail.com

É solicitado que um participante de forma voluntária tente adivinhar ao final de acordo com as pistas mencionadas qual é o elemento que consta na caixa. Após alguns segundos de silêncio um participante que havia se posicionado anteriormente se prontifica a adivinhar, e inicia a dinâmica.

Ao final, a fala da estagiária é pra que o participante voluntário diga quem ele pensa ser o elemento fundamental responsável pela mudança que consta na caixa. O participante sorri e diz que desconfia ser a própria pessoa que enxergava ao abrir a caixa, a estagiária entrega a caixa á ele e pede para que ele também olhe no interior da mesma e veja quem é o elemento.

Após todos terem se olhado na caixa a estagiária pede pra que eles falem sobre como foi a experiência para cada um de citarem características e defeitos sobre si, e sobre suas responsabilidades como agentes de mudança das próprias vidas.

Nesse momento Pichon-Riviére (em Osório, 2007) traz a luz na sua teoria os papéis, classificando conforme os grupos operativos: *Os silenciosos* – Não verbalizaram fazendo com que outros participantes se sintam obrigados a falar. *Líder de mudança*: encarregava-se de levar adiante as tarefas se arriscando diante do novo. *Porta voz*: este foi a mesma pessoa que tomou a iniciativa de ser o voluntário para adivinhar qual era o elemento fundamental da mudança, e que revelava o material de emergente grupal.

A estagiária percebeu a dificuldade dos participantes em falar principalmente de suas qualidades, e devolveu isso ao grupo, dois participantes disseram que é difícil falar sobre si, outros participantes trouxeram as seguintes falas:

*“É mais fácil falar sobre os defeitos, mas ainda assim a gente pode mudar se quiser de verdade.”(sic).*

*“Aqui eu vi que estou doente precisando de ajuda mesmo, e eu tenho que querer mudar, pela minha família ...”. (sic).*

A estagiária complementa as falas dos participantes dizendo que tanto os defeitos como as qualidades fazem parte de quem somos, e que, mesmo que talvez no momento os defeitos sejam mais fáceis de identificar, eles não podem impedir a mudança, pois há também as qualidades que devem ser valorizadas.

A dinâmica foi útil para reforçar o processo grupal e identidade dos participantes, internalizando suas características e promovendo reflexões na busca por mudanças. Também foi percebido que os pacientes por vezes não percebem que os problemas, em muitos momentos semelhantes, são decorrentes das próprias condições sociais de vida e que a organização coletiva, diferente da ação individual isolada, pode propiciar a resolução de problemas, ou a satisfação de necessidades comuns.

---

<sup>1</sup>Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: ricardasanches@hotmail.com

A prontidão em participar do grupo, a aceitação em efetuar a tarefa proposta, e as diversas interações ocorridas durante a dinâmica, sinaliza a criação de um vínculo entre os participantes e a estagiária.

O encerramento foi com o discurso breve da estagiária de agradecimento pela participação de todos, dando um feedback positivo em relação à contribuição de todos e motivando-os a exercerem o senso crítico sobre seus pensamentos, sentimentos e emoções na busca pela mudança que pretendem alcançar, e salienta ainda que a participação no grupo já faz parte desse processo de mudança.

#### **4 CONCLUSÃO**

Conduzir grupos é uma tarefa que exige dedicação e flexibilidade nas estratégias pela coordenadora, uma vez que os fenômenos grupais necessitam de manejo técnico deste profissional. Entretanto, a experiência não é unilateral, ou seja, os participantes também aprendem novas formas de experimentar a mudança terapêutica pela própria experiência grupal, o que gera mudanças qualitativas na subjetividade dos seus membros.

Essas trocas me possibilitaram uma vivência ímpar, tanto no que se refere ao aprendizado acadêmico através de técnicas aplicadas, quanto em relação ao crescimento pessoal! Ver a evolução de pacientes nas falas e interações grupais reafirma minha escolha pela psicologia, e me motiva a seguir buscando aprimoramento em teorias, técnicas e em intervenções que proporcionem saúde mental e qualidade de vida aos pacientes.

Nesse sentido, sugiro ainda outros estudos que aprofundem a importância da intervenção psicológica através do grupo terapêutico.

#### **REFERÊNCIAS**

Buzi, F. N., Melo, D. G., Paya, R. (2007). Dinâmicas de grupo aplicadas no tratamento de dependência a química. Curitiba: Roca.

Castanho, P. C. G. (2007). O momento da tarefa no grupo: Aspectos psicanalíticos e psicossociais. Revista SPAGESP, 8 (2).

Osório, L. C. (2007). Psicologia Grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era. Porto Alegre: Artes Médicas.

<sup>1</sup>Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: ricardasanches@hotmail.com

Paparrel, B. Martins, M. N, Psicólogos em Formação: Vivências e Demandas em Plantão Psicológico. Revista: Psicologia Ciência e Profissão. São Paulo, v. 27, nº 01, p. 68. 2007.

Pichon-Riviére, E. (1975). El Processo Grupal. Buenos Aires: Nueva Visión.

Zimmerman, D. E. Fundamentos básicos das grupoterapias. 2ºed. Porto Alegre: Artmed, 2000.p. 82.

